

JAMPA

Logo que desci no aeroporto (que fica em Bayeux e não em Jampa), perguntei para um morador da cidade de João Pessoa se aquela sigla Jampa, presente em inúmeras propagandas e nomes de lojas era usada por eles ou era coisa de publicidade apenas. Sim, virou uma marca da cidade, uma redução como Sampa para os paulistanos, essa invenção do Caetano Veloso já transbordou pro nordeste. Jampa é o centro de uma região metropolitana com 1,38 milhão de habitantes, quase 900 mil na cidade. Seu Plano Diretor, hoje sob ataque do setor imobiliário, conseguiu por enquanto garantir prédios baixos na orla, evitando superlotação e sombra nas areias das praias como em muitas outras cidades litorâneas do país.

Fazia quase vinte anos que havia visitado a cidade numa passagem rápida, tinha me hospedado no Hotel Tambaú, cartão-postal da cidade projetado pelo genial arquiteto carioca Sérgio Bernardes em 1962 e inaugurado já no tempo da ditadura, do Brasil Grande dos milicos. É aquele prédio circular que fica dentro da faixa de areia, parte dos apartamentos ficam diante do mar, a água das ondas bate continuamente na estrutura. Vinte anos atrás, tudo funcionava e a tapioca no café da manhã era ótima. Sua localização é excepcional, entre as praias de Tambaú e Manaíra, numa região repleta de lojas e restaurantes. Sabia que havia fechado uns cinco anos atrás e que um empresário queria restaurar o edifício. O que não sabia é a situação de abandono total da estrutura, as ondas corroendo a parte voltada para o mar, os vidros quebrados, a cobertura se desfazendo. Espero que solucionem logo para que ele volte a funcionar, mas não será fácil.

Sérgio Bernardes é autor de inúmeros e criativos projetos Brasil afora. Não sabia que além do Hotel Tambaú havia feito mais duas obras na cidade: o “Centro Cultural José Lins do Rego” e uma residência particular. Quando iniciei o planejamento da viagem, logo me deparei com o centro cultural e não poderia deixar de conhecer. Fica longe da praia e do centro, mas vale a visita sem dúvida alguma, surpreendente e espantoso. É simplesmente gigantesco, lembra a estrutura metálica do pavilhão de exposições do Parque Anhembi de Jorge Wilhelm & Miguel Juliano, com seus pilares se abrindo em leque.

Uma cidade média no tempo em que foi construído (anos 1980), o Centro Cultural abriga inúmeras instituições e atividades culturais. Há várias entradas para o prédio, aberto como uma praça coberta, com um pátio central enorme para shows musicais e teatro. No entorno, inserem-se espaços fechados: um cinema, teatro, várias salas expositivas, ateliês, uma escola pública de arte, uma enorme biblioteca subterrânea onde se entra por uma rampa. Achei ótimo ver muita gente na biblioteca, mas por pouco tempo. Ninguém estava lendo os milhares de livros em papel disponíveis, só gente com notebooks e celulares aproveitando o wi-fi grátis. Sinal dos tempos.

Uma exposição excepcional do artista Abelardo da Hora completou a visita. Abelardo tem uma história de vida incrível, vivendo em Recife não conseguiu que a cidade criasse um espaço público para sua obra, que acabou transferida para Jampa. Sua atividade sempre foi marcada pela ação coletiva, criando grupos artísticos e uma arte de cunho social. Ligado ao governo de Miguel Arraes e ao PCB no início dos anos 1960, foi perseguido e preso pela ditadura militar, teve seu trabalho censurado por desenhar a miséria e a fome no nordeste. Seu trabalho de organização coletiva rendeu inúmeras mostras, além de uma excepcional obra artística, a exposição permanente mostra um excelente acervo desse grande artista brasileiro, só ela vale a visita a Jampa e ao centro cultural. Suas esculturas expressionistas e algumas cinéticas movidas pelo vento, desenhos, poesias, gravuras, cerâmicas, suas pinturas figurativas com rigor formal foram inovadoras desde quando começou sua atividade artística no final dos anos 1940 no Recife. Uma história engraçada que ele contava era quando da visita de João Paulo II ao Recife. Havia uma escultura sua de uma mulher nua no caminho e resolveram vesti-la com uma roupa para que o Papa não visse. Abelardo dizia que a

besta que havia feito isso não conhecia o Vaticano, onde há inúmeras estátuas de gente pelada (continua).

Mauro Ferreira é arquiteto